

Espaco urbano e as novas tecnologias.

(Festival de Arles, mesa-redonda Passage Mejan, 10/7/85)

Esta contribuicao entenderá por "espaco urbano" todo espaco publico, (toda republica), e por "novas tecnologias" aquelas que o termo "revolucao informatica" designa. De maneira que proponho a nossa mesa-redonda a seguinte pergunta: quais os efeitos da revolucao informatica sobre a republica, sobre o espaco politico, sobre "la cite", (como diz a lingua franceza)?

A situacao informatica anterior a atual revolucao se caracteriza por dois conceitos: "publico" e "privado". Para receber informacoes, era necessario sair-se do privado e penetrar o publico: lojas, bancos, reparticoes, escolas, cinemas. Era necessario armazenar-se tais informacoes em bolsas, bolsos, na memoria, e leva-las para casa. Para emitir informacoes, era necessario sair-se do privado e penetrar o publico: falar em publico, expor, fazer imprimir textos. Era necessario privatizar informacoes publicas, e publicar informacoes elaboradas no privado. O espaco publico, (a republica, a cidade), era lugar no qual informacoes sao expostas para serem recebidas. E o espaco privado era lugar no qual informacoes sao armazenadas para serem elaboradas em novas. Tal oscilar entre o publico e o privado, tal dialectica entre "mundo" e "eu" era a dinamica da consciencia, chamada "infeliz" por Hegel.

A revolucao informatica está re-estruturando a dinamica da situacao informatica, (portanto da consciencia), ao tornar o espaco publico, (urbano), redundante. As informacoes penetram, gracias as novas tecnologias, espaco privado a dentro. Lojas, bancos, reparticoes, escolas, cinemas nao mais funcionam: retardam o fluxo informativo, sao represas ineficazes. Quem emite informacoes pode dispor de canais que alcancam receptores individuais nos seus lugares privados. Exposicoes, livros impressos, conferencias publicas retardam o fluxo informativo, sao represas ineficazes. O espaco publico, (a praca da feira, o forum, a agora), esta se fechando. Esta sendo ocupado por sistemas complexos de canais que ligam emissores e receptores. Quem sair do privado para o publico, esbarrara contra tal canalizacao entupida. Os homens ficarao em casa, para enfrentar as bocas e os anus dos canais, (os terminais), e destarte receber informacoes e emiti-las.

Tal re-estruturacao do fluxo informatico está se preparando ha muito. O correio, os jornais, o radio e o telefone sao exemplos arcaicos da tendencia para a abolicao da republica, da cidade. Mas e apenas depois da invencao das imagens eletromagneticas, da introducao da computacao e das inteligencias artificiais no processo informativo, da miniaturizacoes das memorias artificiais, e da aplicacao de satelites e cabos, em suma: depois da telematizacao, que o impacto despolitizante das novas tecnologias se tornou patente. Trata-se pois agora de captarmos a mutacao da nossa consciencia depois da superacao da dialectica entre "mundo" e "eu". Abolicao tanto de "mundo" quanto de "eu"?

As novas tecnologias abrigam duas virtualidades opostas. Uma e o estabelecimento de distribuicao irradiadora, (broadcasting), das informacoes, a outra e o estabelecimento de troca em rede, (network). No primeiro caso os canais ligam emissor e receptor de maneira univoca, no segunda os canais sao reversiveis. Exem-

plos arcaicos do primeiro caso sao os jornais e os radios, do segundo caso sao o correio e o telefone. O primeiro caso leva a sociedade sincronizada, fascista, na qual emissores centrais programam receptores empurrados, cada qual, para os cantos dos seus espacos privados. O segundo caso leva a sociedade democratica, na qual todos dialogam com todos para elaborar informacoes, (modelos). O primeiro caso leva a perda de consciencia, (a inconciencia), de todos, inclusive dos emissores programadores. O segundo caso leva a um novo tipo de consciencia, inter-subjetiva, pos-politica, cuja estrutura nao pode ser prevista, por termos que possui-la para podermos critica-la.

O problema fundamental proposto pelas novas tecnologias e pois o da instalacao dos canais: univocos ou reversiveis? Mas o problema nao e sempre reconhecido por todos. Pela razao seguinte: Atualmente a tendencia rumo a canais univocos, irradiadores, fascistas e mais forte que a outra, e isto nao apenas nas sociedades totalitarias e nas democracias ditas populares, mas igualmente nas sociedades ditas abertas. Isto leva numerosos observadores, criticos e atores a se oporem as novas tecnologias todas. Tais pessoas procuram preservar a abertura dos espacos urbanos, procuram preservar a republica e a politica, afim de salvaguardarem a consciencia, a liberdade. A maioria dos atuais projetos urbanisticos visam tal meta. (La Villelette pode servir de exemplo.) Se no entanto a analise que venho de lhes propor for correta, trata-se, em tais projetos, de tentativas reacionarias que visam negar a revolucão em curso. Quem estiver atualmente interessado na salvaguarda da consciencia, da liberdade, nao deve tentar manter aberto o espaco publico, mas deve engajar-se no estabelecimento do canais dialogicos, reversiveis.

Admito: a decadencia da cidade, (desse nosso modelo de liberdade desde Atenas e Roma), e a emergencia de um dialogo universal, obrigam-nos a abandonarmos toda uma serie de categorias, sobretudo as do poder, da decisao e do governo. Devemos aprender a pensarmos ciberneticamente, emvez de politicamente. Tarefa dificil e perigosa. Mas devemos assumi-la, sob pena de tornarmos-nos vitimas de um totalitarismo programador e programado de eficiencia inimaginavel. Pois e esta tarefa dificil e perigosa de repensarmos a nossa consciencia que stou propondo a esta mesa-redonda.